



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS PIO IX
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

MARIA AURICELIA DE BRITO

PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇA AUTISTA

PIO IX
2023

MARIA AURICELIA DE BRITO

PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇA AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para
obtenção do diploma do Curso de Especialização
em Educação Especial e Inclusiva do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Piauí, Campus Pio IX.
Orientador: Prof. Dr. Miguel Antônio Rodrigues.

PIO IX

2023

PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇA AUTISTA

Maria Auricelia de Brito¹

Miguel Antônio Rodrigues²

RESUMO

O trabalho tem como objetivo geral compreender o processo de ensino aprendizagem da criança com autismo discutindo as estratégias adaptadas para a escolarização dessas crianças, e como e como objetivos específicos, entender o significado da educação inclusiva em um paradigma educacional inerente ao indivíduo; analisar o processo educacional para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA e contribuir para a preparação de uma abordagem pedagógica que busque expandir conhecimentos sobre inclusão e adaptação de alunos autistas nas escolas. O trabalho acadêmico buscou identificar meios para incluir alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala e atividades, assim para atingir este objetivo, foi escolhida a pesquisa bibliográfica que tornou possível a elaboração do pré-projeto e conseqüentemente do artigo, compreendendo que a mesma é importante para aferir aspectos qualitativos de algumas questões, como é o caso de identificar as conquistas e impasses experimentados pelos professores para incluir alunos com TEA. Os resultados foram importantes para repensá-lo sobre os autênticos significados da inclusão, desde a inserção e matrícula na escola e seus direitos, conforme prevê a legislação brasileira. e como objetivos específicos, entender o significado da educação inclusiva em um paradigma educacional inerente ao indivíduo; analisar o processo educacional para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA e contribuir para a preparação de uma abordagem pedagógica que busque expandir conhecimentos sobre inclusão e adaptação de alunos autistas nas escolas. O estudo realizado procura mostrar que a família é parte fundamental no processo educacional do aluno com TEA, pois o conhecimento dos familiares na história escolar da criança colabora para que o ensino aprendizagem aconteça de feitiço significativo.

Palavras-chave: Inclusão; Desafios; Autismo; Família

¹ Licenciada em Educação Física. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Pio IX-PI. E-mail: auriceliabrito18@hotmail.com

² Pós-doutor em Educação/USPI. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. miguel.rodrigues@ifpi.edu.br

ABSTRACT

The general objective of the work is to understand the teaching-learning process of children with autism, discussing the strategies adapted for the schooling of these children, and how and as specific objectives, to understand the meaning of inclusive education in an educational paradigm inherent to the individual; analyze the educational process for the development and learning of students with ASD and contribute to the preparation of a pedagogical approach that seeks to expand knowledge about the inclusion and adaptation of autistic students in schools. The academic work sought to identify ways to include students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the classroom and activities, so to achieve this objective, bibliographical research was chosen, which made it possible to prepare the pre-project and consequently the article, understanding that the It is important to assess qualitative aspects of some issues, such as identifying the achievements and impasses experienced by teachers in including students with ASD. The results were important to rethink the authentic meanings of inclusion, from insertion and enrollment in school and their rights, as provided for by Brazilian legislation. and as specific objectives, understand the meaning of inclusive education in an educational paradigm inherent to the individual; analyze the educational process for the development and learning of students with ASD and contribute to the preparation of a pedagogical approach that seeks to expand knowledge about the inclusion and adaptation of autistic students in schools. The study carried out seeks to show that the family is a fundamental part of the educational process of students with ASD, as family members' knowledge of the child's school history contributes to teaching and learning taking place in a meaningful way.

Keywords: Inclusion; Challenges; Autism; Family

Aprovada em: 08/12/2023.

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas, através análise de estratégias de ensino que ajudam no processo de escolarização de criança com Transtorno de Espectro Autista (TEA). Assim, estudo é de suma importância, pois mostrara estratégias que o professor poderá utilizar para que possa acontecer a inclusão do aluno dentro da sala de aula regular e como desenvolver as atividades com essa criança.

O trabalho traz como problemática central para o estudo: quais as estratégias que a escola tem utilizado para a escolarização das crianças com autismo e de que forma a família tem tido participação nesse processo? Baseando nesse ponto procurou-se mostrar como acontece a inclusão e como o professor deve trabalhar com esse público em sala, para que realmente aconteça essa inserção, como também, a necessidade de adaptação das atividades propostas e o papel da família nesse processo de escolarização.

Salienta-se, ainda, que está pesquisa teve como objetivo geral: compreender

o processo de ensino aprendizagem da criança com autismo discutindo as estratégias adaptadas para a escolarização dessas crianças. Desse modo, apresentou como objetivos específicos: entender o significado da educação inclusiva em um paradigma educacional inerente ao indivíduo; analisar o processo educacional para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA; contribuir para a preparação de uma abordagem pedagógica que busque expandir conhecimentos sobre inclusão e adaptação de alunos autistas nas escolas.

A escolha pelo tema veio da necessidade que as escolas e os professores têm de se adequar para receber esses alunos, como saber o procedimento de ensino e aprendizagem dessa criança. Desse modo, o estudo pode trazer informações que facilitam a vida do educador na hora de incluir o seu aluno autista em sala de aula regular. Nesse sentido, a escola precisa se preparar para ser inclusiva, além de capacitar os profissionais e desenvolver metodologias que façam com que aconteça a participação dos discentes nas atividades pedagógicas diárias, respeitando as limitações e particularidades de cada um, favorecendo o bem estar da criança e fazendo-a sentir-se capaz.

Para mais, é pertinente indicar que investigações como esta justificam-se devido ao fato de que as matrículas de crianças autistas no ensino regular têm aumentado e com isso, as escolas devem utilizar estratégias que promovam a participação desses jovens nas atividades escolares.

O autismo é avaliado como um transtorno amplo e de difícil diagnóstico em alguns casos, justamente pelos distintos graus que apresenta, tais como alterações cerebrais, físicas e comportamentais, no qual é considerado um transtorno global de desenvolvimento. Em vista disso existem desafios para o professor e para o educando com autismo no decorrer do seu processo de ensino aprendizagem visto que falta conhecimento sobre o termo, e capacitações em virtude da promoção de metodologias adaptadas para o ensino deste aluno.

Assim, observa-se uma lacuna no processo de escolarização da criança com autismo, aonde métodos específicos deveriam ser mais trabalhados com esses profissionais e a própria família, mediando assim a aprendizagem do aluno autista. Assim, almeja-se contribuir com pesquisas que contemplem a percepção a respeito da escola sobre o processo de ensino ao educando autista, visando propor a elaboração de políticas públicas e estratégias pedagógicas para o processo educacional.

O presente estudo desenvolveu-se acerca dos seguintes tópicos: Introdução; autismo: conceito e características, professor e família: junção importante no processo de ensino e aprendizagem de da criança autista, práticas pedagógicas para uma educação inclusiva de aluno com TEA. Desse modo, a pesquisa traz conceitos de autores sobre autismo, busca mostrar a junção família e escola, que são peças fundamentais nesse movimento de escolarização, partindo para uma reflexão sobre as práticas pedagógicas realizadas pelas escolas para incluir os alunos com TEA nas atividades propostas; Educação Inclusiva no Brasil; procedimento metodológicos métodos e materiais que detalham como foi realizada a pesquisa; considerações finais, que traz uma síntese anteriormente expostos, podendo incluir conclusões que foram obtidas ao final do processo de pesquisa. O estudo realizado teve como intuito, contribuir e ajudar educadores nesse processo de ensino e aprendizagem dessas crianças com autismo, trazendo informações novas e estratégias de atividades para trabalhar com esses educandos, mostrar também a importância da participação ativa da família que contribui em muito para o desenvolvimento da criança.

Para alcançar o objetivo proposto desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica descritiva, qualitativa e exploratória que consiste na revisão literária do tema abordado especializada em autores da área, com direcionamento para destaque das conquistas e impasses experimentados pelos professores para incluir alunos com TEA.

Salienta-se, ainda, que esta pesquisa teve como objetivo geral: compreender o processo de ensino aprendizagem da criança com autismo discutindo as estratégias adaptadas para a escolarização dessas crianças. Desse modo, apresentou como objetivos específicos: entender o significado da educação inclusiva em um paradigma educacional inerente ao indivíduo; analisar o processo educacional para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA; contribuir para a preparação de uma abordagem pedagógica que busque expandir conhecimentos sobre inclusão e adaptação de alunos autistas nas escolas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi realizado através de revisão bibliográfica descritiva, qualitativa que buscou informações sobre tema proposto e teve como principais descritores: autismo, diagnóstico precoce, inclusão escolar, família, que tem como objetivo um levantamento e uma análise crítica de estudos feitos sobre o tema. A pesquisa foi realizada em sites como: scielo, google acadêmico. Para a escolha dos artigos foram adotados como critérios de inclusão artigos publicados de 2013 até 2023.

Com as informações obtidas para este trabalho, foi realizada a leitura, a análise e a classificação dos materiais de pesquisa, assim separando-as de acordo com cada tópico levantado a respeito do tema. Após a separação do material bibliográfico, deu-se início análise crítica de estudos feitos sobre o tema e uma interpretação das informações, em seguida a estrutura da escrita.

Segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica tem como intuito fazer uma atualização do que já foi escrito por outros sobre o determinado tema abordado, trazendo informações novas sobre o tema.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Autismo: conceito e características

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico que afeta a criança em todos os seus aspectos, tendo um grau de suporte que varia do mais severo ao mais leve. As manifestações dos primeiros sinais ocorrem nos primeiros meses de vida. O psiquiatra Leo Kanner em 1943 descreveu o autismo como

síndrome que caracteriza indivíduos acometidos por uma variedade de sintomas, o qual chamou de autismo. (Kanner, 1943 p.170)

O médico Austríaco Hans Asperguer publicou em 1944 um artigo sobre o autismo que tinha como título *Psicopatologia Autística da Infância*, onde descreveu crianças parecidas com as de Kanner, desse modo, os dois autores são responsáveis pela identificação do autismo. A partir dessa publicação o autismo ficou conhecido por síndrome Asperguer, levando o nome do autor que fez a pesquisa. (Hans 1944 p.36)

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação (Mello, 2007, p. 16).

Segundo Nogueira (2007) a maioria das crianças autistas tem aparência física normal, mas apresentam um comportamento diferente, dessa maneira, o diagnóstico se torna difícil até para os médicos, pois não é uma doença. A psiquiatria infantil define o autismo como um distúrbio da mente, que afeta o desenvolvimento de forma integral, no qual as características dos autistas são diversas e muitas vezes podem não ser identificados pelos pais, visto que cada um manifesta de um jeito diferente.

Atualmente o autismo vem sendo mais divulgado pela mídia, levando as pessoas a ter um conhecimento sobre esse assunto, assim os diagnósticos vêm crescendo e a descoberta está acontecendo em idade precoce, com isso a busca pelo tratamento cedo e as chances de resultado melhor só aumentam. Dessa forma, percebe-se que quanto mais cedo inicia-se com a intervenção terapêutica, maior são as chances da criança se desenvolver de forma integral. Por outro lado, quando não é feita essa intervenção cedo a criança apresenta um atraso no desenvolvimento durante todas as fases da vida, sendo prejudicial a ela.

Autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), diagnóstico totalmente diferenciado de um quadro psicótico, passou a classificar esta condição com uma síndrome e referir-se à mesma como Autismo Infantil Precoce, ela apresenta as principais dificuldades de contato com pessoa, desejo obsessivo de manter as situações sem alterações, ligação especial com objetos (Suplino, 2005, p.16).

Nos primeiros dias de vida a criança já apresenta sinais como: não olhar quando é chamado pelo nome, não bater palmas, não dar tchau, com o passar do tempo vai apresentar um desenvolvimento comprometido com interesse restrito, como apego a rotinas, movimentos repetitivos, sensibilidade sensorial, dificuldades na comunicação, interação e aprendizagem, o que pode levar os pais à busca por ajuda.

A inclusão de uma criança autista no educandário, parte de uma junção de vários envolvidos, como: família, amigos e escola. Se os tratarem normalmente, entendendo-os no seu jeito de ser e adaptando as áreas que precisem para socializarem, o autista irá se desenvolver e o ensino aprendizagem será alcançado.

Devido a existência de uma variação de sinais, o diagnóstico pode ser tardio, afetando seu desenvolvimento. As crianças não apresentam demonstração de afeto

e carinho, nem por pessoas muito próximas dela, a fala tem um atraso e desenvolve de maneira lenta, às vezes difícil de compreender, como frases lidas por metade ou apenas repetições de palavras. Além disso, alguns têm comportamentos agressivos que se faz necessário o uso de medicamentos.

O autismo, intriga e angustia as famílias nas quais se impõe, pois, a pessoa portadora de autismo, geralmente, tem uma aparência harmoniosa e ao mesmo tempo um perfil irregular de desenvolvimento, com bom funcionamento em algumas áreas enquanto outras se encontram bastante comprometidas (Mello, 2007, p. 12).

São diversos os estudos sobre o que causa esse distúrbio, mas, até o momento nenhuma pesquisa chegou a descobrir o que motiva o mesmo, a certeza é que vem de natureza neurobiológica, o indivíduo já nasce com ele. Pesquisa atual mostra que a prevalência de autismo é de 1 em cada 36 crianças, novo número divulgado pelo CDC nos EUA, sendo a prevalência maior em crianças do sexo masculino.

Quando a família recebe o diagnóstico o primeiro passo seria pesquisar sobre o assunto, buscar informações que ajudem a entender melhor seu filho, dessa forma, aceitá-lo e compreendê-lo. É importante que a família reconheça a criança como autista e procure sempre um diálogo com pessoas na mesma situação, pois dessa forma, estarão mais preparados para conviver com a criança.

O brincar, assim como para qualquer criança, representa um papel importantíssimo para o desenvolvimento da criança autista, pois contribui para a socialização, têm efeitos positivos sobre a aprendizagem, estimula o desenvolvimento de habilidades básicas e a aquisição de novos conhecimentos (Silva, 2013, p. 12).

O TEA na maioria dos casos vem acompanhado de outras síndromes tais como: TDH, Hiperlexia, Dislexia, Epilepsia, Déficit de Atenção e Ansiedade. A família deve ter um pouco de conhecimento sobre cada um deles para que sejam capazes identificá-los. É importante ressaltar que praticamente todos os autistas são capazes de aprender atividades do cotidiano sem receber o estímulo necessário, assim, podem ter autonomia e independência. Na escola conseguem aprender no tempo deles, no qual exige-se um pouco mais de dedicação por parte do professor.

O importante é que todos os que possuem o TEA, possuem potencialidades e ao mesmo tempo limitações, contudo, é conciso que a coletividade acolha estes potenciais e incite a autonomia e os desenvolvimentos destes sujeitos, apreciando cada aquisição.

3.1.1 Professor e família: junção importante no processo de ensino e aprendizagem da criança autista.

O ensino de crianças autistas acontece nos dois ambientes, em casa e na escola. Em casa a criança pode aprender a comer com a mão, fazer xixi no banheiro, escovar os dentes, vestir-se sozinho e através dessas atividades ela pode

desenvolver sua autonomia e independência. Na escola a criança pode aprender a socializar, interagir, desenvolver a fala.

Estas crianças têm dificuldades ao nível da partilha, apesar de muitas destas crianças terem aprendido em casa a partilhar com os irmãos. No jardim de infância, é necessário ensinar a criança a partilhar com os outros meninos (Cuberos, 1997, p.93).

A participação dos pais ou responsáveis é de fundamental importância no processo de ensino de aprendizagem de seus filhos. Os pais devem procurar desenvolver atividades que ajudem seus filhos a se adaptarem mais rápido na escola. Realizar brincadeiras que ajudem a desenvolver a coordenação motora grossa (que envolver os grandes músculos como braços, pernas e pescoço) e fina (que movimentem os músculos pequenos), que trabalhe a interação, sempre colocar a criança para brincar. É importante que os pais tenham em mente que muitas vezes o resultado não é o esperado. Além disso, os pais podem ajudar nesse processo de escolarização, pois conhecem bem a criança, e sabem onde está o interesse dela, em casa podem produzir materiais concretos variados que vão ajudar nesse processo de ensino e aprendizagem, trabalhando de forma lúdica de um jeito melhor para a criança compreender.

A criança autista tem um desenvolvimento lento, a aprendizagem delas é de forma mais vagarosa, o que requer uma dedicação e atenção maior por parte do professor, o que faz com que seja necessário um conhecimento sobre o aluno e sobre as estratégias de ensino, pois dessa forma o docente vai obter resultados esperados. O aluno com autismo pode aprender a ler e a escrever, tudo isso vai depender do professor de seu interesse em trabalhar com aquele aluno. Wendel, (2013), relata que:

Nossos sentidos de educador devem estar direcionados ao coração dos educandos. É nele que está a resposta para uma aprendizagem viva. No encontro em sala de aula, deve-se buscar cotidianamente algo necessário para o desenvolvimento humano dos educandos: A abertura do seu coração. É está inteiro nesse encontro de conexão em sala de aula. São dois seres abertos para aprender (Wendel, 2013, p. 10).

Além disso, existem diversos níveis de autismo: leve, moderado e severo, onde cada um tem suas particularidades e com isso varia também o processo de ensino, o professor deve adequar seu material pedagógico para a criança. Dessa maneira, o educador deve inserir a criança nas atividades diárias da escola, promovendo a inclusão. Segundo Souza (1998) *apud* Mendes, Ferreira e Nunes, (2003):

as atividades dos indivíduos portadores de deficiência mental se resumem à casa-escola-casa (...) Essa restrição deve-se a várias dificuldades, tais como falta de tempo dos pais para se dedicarem às atividades de lazer com os filhos, falta de opção de lazer adequado e dificuldade financeira (Souza, 1998 *apud* Mendes, Ferreira e Nunes, 2003p, 135).

Os pais podem colaborar para o bom desenvolvimento da criança na escola conversando com o professor, falando sobre seu filho suas dificuldades, seus interesses específicos, sua forma de se comunicar, tudo isso é importante para o professor saber, pois assim poderá ter conhecimento sobre a criança. Em casa os

pais podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem, desenvolver atividade, comprando brinquedos educativos, comprando os materiais adequados para eles por exemplo, criança autista não gosta de pintar com coleção/lápis de cor, mas se os pais comprarem um pincel o autista vai despertar o interesse por pintura, bem como acontece com o uso de tinta guache.

O educador deve desenvolver metodologias de ensino e aprendizagem para que a criança com TEA consiga se comunicar melhor e tenha um bom desenvolvimento. A sistemática de ensino de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial o que ela consegue realizar, e de acordo com o seu interesse, onde ele é mais focado. Trabalhar com alunos autistas exige práticas e estratégias pedagógicas diversificada com materiais concretos que chama mais atenção da criança.

A escola e os pais devem ter uma parceria, pois os pais não podem jogar apenas para a escola essa responsabilidade de alfabetizar, sem o apoio dos pais não tem como promover sucesso escolar da criança. A família deve se envolver mais no processo de ensino da criança, buscar mais informações sobre o filho e ter uma aproximação com o professor.

Para trabalhar com uma criança autista é necessário ter muita calma e compreender o aluno, não é fácil manter a atenção deles, sendo que a escola pública não permite que esse processo de inclusão aconteça de fato, os incentivos e investimentos são poucos, com isso os professores não recebem uma formação necessária para trabalhar com esse aluno, tendo que buscar alternativas.

O professor pode desenvolver atividades que estimule a comunicação, pois os autistas têm dificuldades de se comunicar, procura incluir ele juntos aos demais alunos, ajudando no processo de socialização, colocar aluno para participar das atividades propostas, dessa forma, o aluno vai sentir seguro e capaz de realizar tudo que for ensinando. É de fundamental importância o educador se disponibilizar de recursos e materiais adequados, com isso vai facilitar a aprendizagem e motivado ele a realização das atividades propostas.

3.2 Práticas pedagógicas para uma educação inclusiva de aluno com TEA.

As práticas pedagógicas, são atividades aplicadas em sala de aula, que servem para o professor transmitir os conteúdos aos alunos, as práticas pedagógicas têm como objetivo estimular a aprendizagem do aluno, dessa forma as práticas pedagógicas são ferramentas utilizadas pelos professores para assimilação do conteúdo pelo aluno. Dessa maneira, é essencial que o ambiente escolar seja o caminho para melhorias das práticas e métodos que facilitem o ensino aprendizagem da criança com esse tipo de transtorno. Diante das várias dificuldades encontradas pelo professor, este necessita implementar no seu planejamento, estratégias específicas e direcionadas para a aprendizagem e aceitação de crianças Autista na escola, o que não é uma tarefa nada fácil para o educador.

É preciso que o professor utilize uma prática educativa que atenda às necessidades da criança com TEA, para que seu trabalho obtenha sucesso, ele precisa do total apoio da escola e da família, pois é necessário que as atividades sejam adequadas para a criança autista, assim ocorrerá o sucesso escolar. Nilsson defende que:

[...] ao usar a ideia de um programa diário visual individual, é fazê-la conter

somente atividades enfadonhas que os alunos já conhecem, sempre apresentadas na mesma ordem. Assim a ideia perde sua função para a pessoa envolvida. Temos de pensar no que poderia interessar para ele, de forma que os conteúdos do dia sejam um acordo entre as coisas que julgamos que ele precisa fazer e coisas que ele prefere fazer (Nilsson, 2004, p. 57).

Segundo Franco (2016, p. 536) uma prática poderá ser chamada de pedagógica “quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos”, ou seja, que as práticas abranjam os diferentes ritmos e formas de aprendizagens dos alunos.

A inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na escola tem ocorrido no mundo todo. Na década de 90, por exemplos ocorreu a Conferência Mundial de Educação Especial, e em 1994 quando foi proclamada a Declaração de Salamanca que “define políticas, princípios e práticas da Educação Especial e influi nas Políticas Públicas da Educação” (UNESCO, 1994). A partir desse momento foi aceita a matriculas de crianças especiais no ensino regular, como forma de proporcionar oportunidades educacionais iguais e acabar com preconceito.

Em dezembro de 1996 foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional nº 9.394/96. O texto afirma que a educação especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino e devem existir serviços de apoios especializados.

A elaboração e a execução do plano de AEE são de competências dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento (Brasil, 2009, p.34).

Quando o professor receber um aluno com TEA, logo começar a pensar como vou trabalhar com essa criança, pois a maioria das escolas não oferece suporte ao professor, então ele tem que se virar como pode, a primeira coisa a fazer é conhecer esse aluno, a partir daí montar estratégias de ensino para serem desenvolvidas com ele. Na Educação Infantil é que a criança aprende a socializar e interagir socialmente, brincar, o professor deve proporcionar muitas possibilidades de aprendizagem nas diversas áreas como: coordenação motora fina e grossa, noção espacial, lateralidade, o conhecimento corporal, melhorar a comunicação, por meio dessas atividades vai favorecer o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos.

Além disso, pode desenvolver atividades com espelho, música que fala das partes do corpo, atividades com massinhas, atividades que trabalhem os movimentos de pinça da criança, pois criança com TEA, leva muito tempo para aprender a pegar no lápis de forma correta. O educador pode trabalhar atividades que exercitam o cognitivo como quebra cabeça e jogos de montar.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento,

alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área (Santos, 2008, p. 9).

Por outro lado, é de grande importância para a melhoria do ensino a capacitação dos professores, dessa maneira esse profissional iria adquirir um conhecimento para incluir as crianças com TEA nas atividades propostas em sala de aula, sendo que teria mais facilidade de trabalhar com esses alunos, pois a maioria dos professores ainda utiliza a metodologia tradicional aquela que o ensino baseia apenas no fazer tarefas. Segundo Nunes (2008, p.4):

As crianças com autismo, regra geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso à informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais (Nunes, 2008, p. 4).

O educador que tem em sala uma criança com autismo deve pesquisar e conhecer mais sobre assunto, dessa forma, vai saber elaborar suas atividades. O professor deve ter uma atenção para as particularidades da criança, pois cada um possui características diferentes, sendo assim, ficar atento às questões sensoriais e sempre que precisar adaptar as atividades e os materiais que possa causar desconforto. O professor deve utilizar temas de interesse da criança para trabalhar em suas aulas. Dessa forma, buscar materiais concretos para que consiga ver e tocar, facilitando a compreensão de coisas abstratas e vai ajudar entender o que são letras e números. Os jogos são uma boa sugestão, principalmente os de percepção sensorial, pois trabalham o cognitivo, atenção e servem para reduzir os comportamentos repetitivos, o quebra cabeça, desenvolve as habilidades cognitivas, concentração, e trabalha a coordenação motora fina. Atividades de recorte e colagem são muito bons para eles.

Assim como qualquer um de nós, a pessoa com Autismo tem sua individualidade, desejos e necessidades que vão além das características da síndrome. Logo, nem tudo, que venha a dar resultado para uma pessoa com autismo, serve de referência positiva a outra pessoa com a mesma síndrome (Orrú, 2011, p. 32).

O professor deve desenvolver atividades físicas que trabalhe o desenvolvimento motor da criança, pois crianças atípicas têm atraso no desenvolvimento motor, além do mais, elas ajudam a criança a diminuir ansiedade os movimentos repetitivos e as estereotipias, diminui os comportamentos agressivos da criança.

Assim, o ideal seria poucos alunos por turma e uma cuidadora para a criança, dessa maneira, o professor poderia oferecer uma assistência maior ao seu aluno, lembrando que na execução da tarefa dessa criança deve ter uma pessoa para auxiliar. O professor deve conhecer seu aluno e descobrir formas de chamar sua atenção, fazer atividades que percebe que ele gosta, sempre respeitando suas

limitações.

O aluno autista é muito focado em detalhes tendo uma visão mais apurada, as atividades de percepção visual são uma ótima sugestão para o professor. Através de músicas infantis podem trabalhar as partes do corpo, a imitação, a fala entre outros. Quando o educador perceber um interesse específico da criança trabalhar com coisas que estimule o interesse dele. O educador deve sempre estar atento e planejar sua aula de acordo com as necessidades da criança, fazendo com que ela não seja excluída pelos seus colegas, estabelecer metas para serem atingidas, partido do que ela é capaz de aprender.

A educação inclusiva, ainda é um grande desafio a ser encarada, mesmo tendo passado por mudanças ocorridas ao longo da história, o cenário ainda é preocupante, pois a inclusão não significativa apenas incluir os alunos com necessidades especiais em salas comuns, mas promover meios para que esse aluno participe das atividades escolares, para que de fato eles sintam incluídos.

A escola deve ser um espaço acolhedor que é respeite as diferenças, dessa forma pode acabar com preconceito.

3.3 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO BRASIL

A educação especial inclusiva no Brasil teve início na década 70 com as primeiras discussões sobre educação especial inclusiva, mas o marco inicial começou com a da declaração de Salamanca 1994, tinha como foco a educação para todos, que alunos com deficiência tivessem o direito de estudar junto com os demais alunos sem deficiência na sala regular de ensino, promovendo assim a inclusão. Dessa maneira, as escolas públicas começaram a receber os primeiros alunos com deficiência mental, tinha que incluí-los, mas com a garantia que não atrapalhavam os demais estudantes.

Assim, a Declaração de Salamanca (1994) assume que “[...] as políticas educacionais de todo o mundo fracassaram no sentido de estender a todas as suas crianças a educação obrigatória e de que é preciso modificar tanto as políticas quanto as práticas escolares sedimentadas na perspectiva da homogeneidade do alunado” (BUENO, 2006, p. 16).

Em 1988, a Constituição Federal do Brasil marcou um grande avanço nos direitos das pessoas com deficiência.

Na Constituição Brasileira: o inciso III do Art. 208 da Constituição Federal fundamenta a Educação no Brasil e faz constar a obrigatoriedade de um ensino especializado para crianças portadoras de deficiência. Este é o texto: “O dever do Estado com educação será efetivado mediante a garantia de: III – Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. 2. Na lei de Diretrizes e Bases de 1996: No título III “Do direito à educação e dever de educar”, a LDB diz que o dever do Estado com a educação escolar será efetivado mediante algumas garantias. No seu artigo 4º, inciso III, a lei postula; 3. “Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (1988, p. 82).

A educação inclusiva é um grande desafio encarado até os dias atuais, pois mesmo com as mudanças e conquistas conseguidas ao longo do tempo, ainda tem muito que melhorar, pois quando falamos de incluir não se trata apenas de colocar o aluno em sala regular, mas oferecer uma educação igualitária entre estudantes especiais e demais estudantes, fazendo com que sintam-se acolhidos e incluídos de fato na sala. Dessa maneira, as escolas regulares representam um meio mais eficaz de combater ações discriminatórias e criar um espaço acolhedor e dar uma educação de qualidade para todos igualmente.

A educação inclusiva merece uma atenção especial, pois estamos falando do futuro de pessoas com necessidades especiais. Antes mesmo de incluir, é necessário certificar-se quais os objetivos dessa inclusão, para o aluno, quais as vantagens e avanços, ele poderá ter, estando junto aos alunos da rede regular. Dessa forma, perceber que a educação inclusiva mostra um caminho de respeito às diferenças, promovendo não somente aceitação, mas a integração de pessoas e a valorização das diferenças de pessoas.

Na concepção de Sasaki:

É fundamental equiparmos as oportunidades para que todas as pessoas, incluindo portadoras de deficiência, possam ter acesso a todos os serviços, bens, ambientes construídos e ambientes naturais, em busca da realização de seus sonhos e objetivos (2002, p. 41).

No contexto histórico a educação especial passou por transformações e barreiras enfrentadas para ter sua aceitação, pois isso só acontece a partir do momento que compreendemos que somos iguais. Ao longo do tempo as pessoas com deficiência sofreram muito com a discriminação, preconceito e o uso de palavras pejorativas com essas pessoas eram frequentes nomes de “anormal” “retardado” “incapaz” entre outros. Hoje com uma população entendida e bem informada sobre o assunto o preconceito ainda se faz presente. Apesar das conquistas a inclusão ainda segue com passos lentos.

Segundo Gomide (2007), a Declaração Mundial de Educação para Todos representa não apenas a compreensão da educação básica como o principal vetor de garantia de satisfação das necessidades elementares de aprendizagem para a população, mas também, um documento que registra uma concepção ampla de Educação Básica, defendendo sua universalização a partir do acesso e promoção da equidade.

Sabemos que a escola tem como obrigação receber todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou outras. No entanto, o processo de ensino e aprendizagem deve ser adaptado às necessidades do aluno, o professor deve adaptar sua aula para que aquele aluno possa participar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão com qualidade e a necessidade de incluir no currículo formações iniciais e continuadas de profissionais com mais cursos voltados para esta especificidade, são resultados que o artigo acadêmico buscou alcançar, assim, mostra-se a indispensabilidade de ampliar os estudos nesta área através de mais pesquisas que foquem na realidade vivida por professores e alunos autistas no espaço escolar, portanto, a inclusão escolar

destes pode sim ocorrer com sucesso.

Assim, espera-se que o estudo contribua para esclarecer aos profissionais da educação como deve ser pensada a inclusão para a criança com TEA, considerando a formação inicial e continuada como o grande suporte para que a escola seja verdadeiramente inclusiva.

O estudo realizado através de pesquisas de artigos científicos e livros tem uma relevância grande, pois aborda informações que pode ajudar pais e professores no processo educacional da criança com Transtorno Espectro Autista, mostrando como professor poderá proceder ao receber esse aluno e como realizar o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Brasília, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BUENO, J. G. S. **Inclusão/exclusão escolar e desigualdades sociais** 2006.

GOMIDE, A. G. V. **As diretrizes políticas da Unesco para a formação de professores e sua relação com a política de formação no Brasil**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 23.; CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO E O COLÓQUIO IBERO AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO, 5.,2007, Porto Alegre. Anais[...].Porto Alegre, 2007.

KANNER, L. apud. KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. – Organizadoras. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010.

KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - Organizadoras. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010. *Psiquiatria*. V.28 p. 3-11, 2006.

KLIN, A. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. V.28 p. 3-11, 2006

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola,1994

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

NILSSON, Inger. **Introdução a educação especial para pessoas com transtornos de espectro autísticos e dificuldades semelhantes de aprendizagem**. Em PDF. Congresso Nacional sobre a Síndrome de Autismo 2004.

NOGUEIRA, Tânia. Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo. **Revista Época**. São Paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. Junho, 2007.

NUNES, Daniella Carla Santos. **O pedagogo na educação da criança autista**. Publicado em 07 de fevereiro de 2008.

ORRÚ, Ester Silva. **Autismo: o que os pais devem saber?** – 2. ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.p.32.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SUPLINO, Marise. **Currículo funcional natural**: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió: ASSISTA, 2005.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

WENDELL, Ney. **Praticando a Generosidade em Sala de aula**. Editora prazer de ler. Edição Recife 2013, p.10.